

28 DE MARÇO – DIA DAS COMUNICAÇÕES NAVAIS

– Vice-Almirante Tácito Reis de Moraes Rego, Patrono das Comunicações Navais

CLAUDIO DA COSTA BRAGA*
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

SUMÁRIO

Como tudo começou?
As radiocomunicações na Marinha nasceram no Batalhão Naval

No dia 28 de março último, comemorou-se, na Diretoria de Comunicações e Tecnologia da Informação da Marinha (DCTIM), o Dia das Comunicações Navais. Na mesma ocasião, foi reverenciado o Vice-Almirante Tácito Reis de Moraes Rego como seu patrono.

COMO TUDO COMEÇOU?

No período de outubro de 1979 a dezembro de 1980, fui aluno do Curso de

Aperfeiçoamento em Comunicações para Oficiais (Caco), no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), localizado na Ilha das Enxadas, no interior da Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Para quem não é da Marinha do Brasil (MB) e não está familiarizado com estas nomenclaturas e definições (aperfeiçoamento e instrução), esclareço que esse curso de aperfeiçoamento é um curso em nível de pós-graduação, com aulas pela manhã e à tarde, em horário integral, das 8 às 17

* Autor dos livros *A Guerra da Lagosta*, *O Último Baile do Império, 1910 – O Fim da Chibata – Vítimas ou Algozes?*, *Tamandaré nas Guerras da Independência e Cisplatina*, *A Administração Naval do período de 1889 até o início do Governo Prudente de Moraes*, *A Independência do Brasil – uma visão portuguesa* e do Ensaio *A Importância Geopolítica da África Austral para a Estratégia Naval Brasileira*.

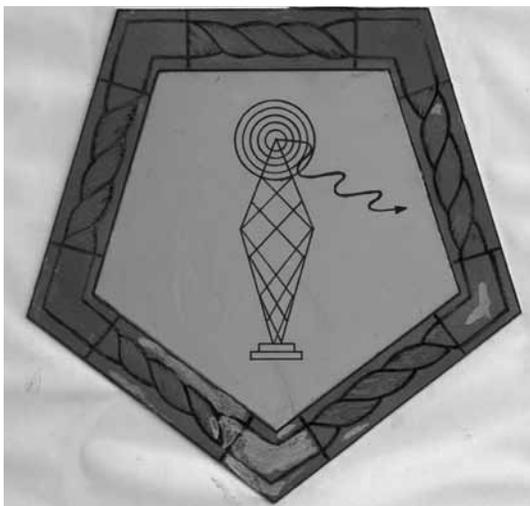
horas e com duração de cerca de um ano. Nesse importante Centro de Instrução são realizados outros cursos equivalentes para os oficiais que desejam se aperfeiçoar em outras especialidades, tais como Eletrônica (Caeo), Armamento (CaaO) e Máquinas (Camo), além, é claro, Comunicações (Caco), como foi o meu caso.

Pois bem, voltando a 1980, em meados daquele ano, além de me dedicar às atividades acadêmicas normais, decidi contribuir com a especialidade que escolhi dedicando parte do meu tempo a elaborar distintivos que a MB não possuía.

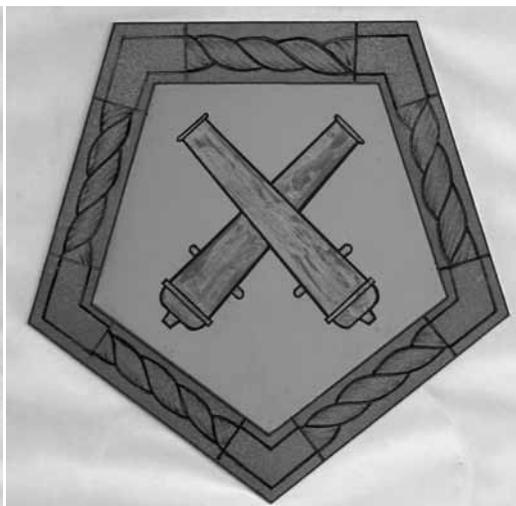
Assim, trabalhei na criação de distintivos que caracterizassem não só o Curso de Comunicações, como também os de Eletrônica, Armamento e Máquinas.

Elaborei, com a ajuda do antigo Serviço de Documentação Geral da Marinha (SDGM), hoje Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), quatro distintivos que representassem os cursos, e que deveriam ser usados nos uniformes, caracterizando os seus portadores como possuidores dos respectivos cursos. Ficaram prontos e, no meu ponto de vista, todos os distintivos

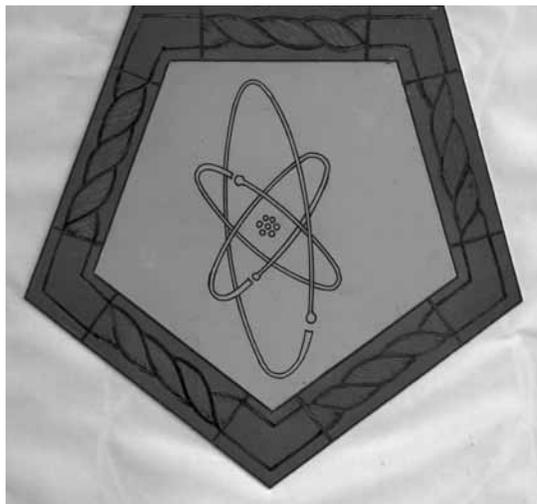
eram bastante representativos para os cursos a que se referiam, além de serem de fácil identificação. Penso que, de todos os cursos que fazemos na MB, talvez os de Aperfeiçoamento para Oficiais sejam os de maior significado em nossas carreiras, pois, após sua conclusão, norteiam a maioria das futuras comissões dos oficiais a bordo de navios ou em Organizações Militares (OM) de terra. Além disso, sempre, entre nós mesmos, costumamos nos identificar fazendo referência a esses cursos de aperfeiçoamento, com expressões do tipo: “Ele é (ou sou) comunicativo, eletrônico, armamentista ou maquinista”. Uma vez que já havia distintivos aprovados para duas outras especialidades, a dos Aviadores Navais e dos Submarinistas, tentei, em duas ocasiões, a adoção desses novos distintivos na MB, por meio de proposta ao então Gabinete do Ministro da Marinha, mas não fui bem-sucedido. Como este não é o tema central deste trabalho, encerrarei por aqui esta breve descrição e voltarei a focar o assunto Dia das Comunicações Navais e seu Patrono. Transcrevo a seguir, a título de informação, os quatro distintivos elaborados e não aprovados:



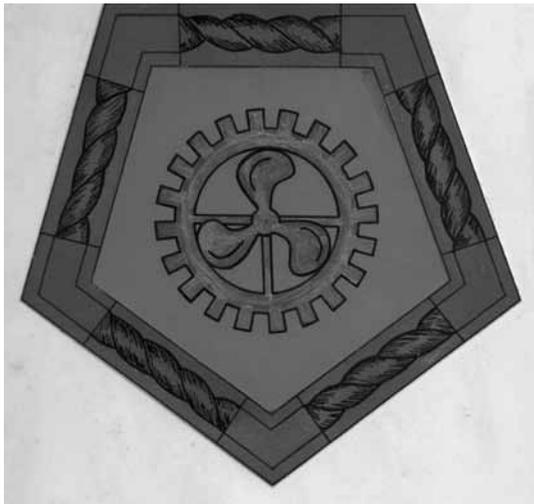
Comunicações



Armamento



Eletrônica



Máquinas

Em 1980, quando no CIAW, realizei escritos e pesquisas sobre uma proposta de data para ser comemorada como o Dia das Comunicações Navais, com sugestão de nome para seu Patrono.

Mantive esses estudos guardados comigo, e eles vieram a se tornar muito úteis quando, em 2008, voltei a tratar do assunto. Naquele ano, o diretor da Diretoria de Telecomunicações da Marinha (DTM)¹ era o Contra-Almirante Aloysio, companheiro de longa data na MB. Após um bate-papo, fui por ele incentivado a dar continuidade ao tema, pois me daria o apoio administrativo necessário. Retomei o estudo, retirando do fundo da minha biblioteca aqueles primeiros escritos, há longos anos realizados e guardados. Já havia também, durante esse tempo, mostrado esses estudos a outros amigos.

Procurei, então, em busca de mais apoio, o Almirante Bittencourt, diretor da DPHDM, que muito me honrou em prefaciar dois dos meus cinco livros: *A Guerra*

da Lagosta e O Último Baile do Império. E procurei também o nosso historiador naval, o Almirante Helio Leoncio Martins. Com o apoio e a orientação segura e precisa desses dois chefes navais, senti-me entusiasmado em concluir os estudos para propor um dia e um patrono para as Comunicações Navais na Marinha do Brasil.

As comunicações navais existem desde os primórdios da navegação marítima e também desde o início da nossa Marinha. Entretanto, me concentrei nas comunicações radioelétricas, que, no fim do século XIX e início do século XX, passaram a ser provocadoras de mudanças relevantes nessa área do conhecimento, em todas as Marinhas do mundo, influenciando significativamente nas operações de guerra naval.

Vários estudos e inventos foram necessários para que o cientista italiano Guglielmo Marconi, no dia 12 de dezembro de 1901, pudesse transmitir através do Atlântico² a letra “S” do código que Samuel Morse

1 Em 16 de janeiro de 2009, passou a chamar-se Diretoria de Comunicações e Tecnologia da Informação da Marinha (DCTIM).

2 Uma estação localizava-se na Inglaterra e a outra em St Johns, na Península do Labrador. Vale destacar que, em 1894/1895, já havia realizado tal experimento, com sucesso, entre estações espaçadas de dois quilômetros na Bolonha, Itália.

criara para o telégrafo, empregando a telegrafia sem fio. E, usando a propagação no espaço das ondas eletromagnéticas que James Maxwell descrevera teoricamente e Heinrich Hertz comprovara, tornou-se o primeiro cientista a apresentar publicamente tal invento (não era voz).

No processo de estudo dos primórdios das comunicações radioelétricas, descobri a figura do Padre Roberto Landell de Moura. Não posso deixar de aqui registrar umas poucas palavras sobre este cientista brasileiro, pioneiro no estudo das radiocomunicações. Nascido em 1861, na cidade de Porto Alegre (RS), iniciou seus estudos no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, no mesmo estado. Com vocação eclesiástica, em março de 1878 matriculou-se no Colégio Pio Americano, em Roma. Paralelamente, estudou Física e Química na Universidade Gregoriana.

Na Europa, manteve estreito contato com a nova tecnologia na área da eletricidade aplicada, que a cada momento se desenvolvia. De volta ao Brasil, em final de dezembro de 1886, passou a dedicar-se às atividades sacerdotais e às pesquisas científicas no Rio Grande do Sul e, depois, em São Paulo.

Como padre jesuíta, encontrava-se em posição desfavorável para com seus fiéis ao propagar teorias blasfêmicas, de pura ciência e pouca fé, num ambiente de crença onde só Deus poderia tudo e no qual não se costumava atribuir crédito a um simples mortal. Impostor, louco, bruxo, herege, realizador de pacto com o demônio foram alguns dos poucos “elogios” que recebeu. Escandalosa, audaciosa e misteriosa era a sua afirmativa de que a voz humana poderia ser propagada a longas distâncias sem se utilizar de fios, com o aparelho infernal que inventara. Teve seus equipamentos

destruídos, além de ser transferido para regiões onde não existia luz elétrica e não pudesse, assim, dar continuidade aos seus estudos.

Apesar de todas as restrições a ele impostas, foi o primeiro cientista a desenvolver e apresentar um equipamento capaz de transmitir a voz humana, a distância e sem fio. Essa demonstração aconteceu em um domingo, 16 de junho de 1899, na cidade de São Paulo, onde realizou uma demonstração pública, devidamente documentada, de transmissão da voz humana entre pontos afastados de oito quilômetros.

Hoje sabemos que os russos já haviam descoberto a transmissão radioelétrica sem fio antes de Marconi e que, por questões estratégicas, não a divulgaram.

Daí em diante, as transmissões radioelétricas tiveram um incremento extraordinário, principalmente no ambiente naval. Vale destacar que a primeira vez que se empregou a radiotelegrafia num confronto naval foi na batalha naval de Tsushima, na Guerra Russo-Japonesa, em 1905.

A Marinha do Brasil foi uma das primeiras Marinhas do mundo a dispor dessa nova tecnologia nos seus navios e OM de terra. Em 1903, já se falava em radiotelegrafia na Marinha.

Pelos Avisos 2.007 e 2.008, de 18 de novembro de 1904, foi nomeada uma Comissão de Radiotelegrafia para estudar a inovação tecnológica e dar parecer sobre a aquisição de duas estações de telegrafia sem fio oferecidas pela empresa alemã Siemens e Halske. Compunham essa Comissão oficiais entre os mais estudiosos e conhecedores dessa nova tecnologia. Eram eles: o Capitão de Mar e Guerra (EN) Innocência Marques de Lemos Bastos, o Capitão de Fragata (EN) José Lopes da Silva Lima e o Primeiro-Tenente Mário Ribeiro da Silva, este último professor da Escola Naval.

AS RADIOCOMUNICAÇÕES NA MARINHA NASCERAM NO BATALHÃO NAVAL

A Alemanha foi o primeiro país a nos vender os aparelhos do tipo Telefunken³. Para serem testados, em 1904, os dois equipamentos foram instalados no Batalhão Naval, na Ilha das Cobras, e ficaram sob a responsabilidade do Primeiro-Tenente Armando Octávio Roxo. Dotado de rara inteligência e estudioso da eletrônica, era um trabalhador incansável, tendo se apaixonado pela radiotelegrafia e vivido uma vida naval em meio a condensadores, bobinas e dínamos. Foi um dos precursores da telegrafia sem fio na Marinha do Brasil. Terminado o período de testes, em 15 de junho de 1905 é inaugurado o primeiro posto-rádio da Marinha do Brasil, sendo-lhe atribuído o indicativo SNI. Esse posto passou a ser designado como Estação Radiográfica da Ilha das Cobras. Seu primeiro encarregado foi o Primeiro-Tenente João Jorge da Fonseca. Vale ressaltar que não era, ainda, um Sistema de Comunicações da Marinha mais abrangente, pois esse só iria existir em 1907, mas sim uma primeira estação montada. Faltava ainda instalar os equipamentos nos navios e estabelecer os procedimentos de operação.

Na Esquadra, também em 1905, o primeiro navio a ter instalado o equipamento Telefunken foi o Encouraçado *Aquidabã*, sob a responsabilidade do Tenente Roxo, encarregado de sua estação-rádio, e sob a supervisão da Comissão de Radiotelegrafia.

Na explosão catastrófica do Encouraçado *Aquidabã*, em 23 de janeiro de 1906, na Enseada de Jacuecanga, em Angra dos Reis, quando efetuava testes nos seus equipamentos de radiocomunicações, Armando

Roxo foi um dos poucos que conseguiram escapar, atirando-se na água e nadando até um escaler próximo. O Tenente Mário Ribeiro e os demais componentes da Comissão de Radiotelegrafia não tiveram a mesma sorte, perecendo com a explosão do navio. Vale destacar que nessa explosão morreram também o imediato do *Aquidabã* e outro oficial, que eram, respectivamente, sobrinho e filho do então ministro da Marinha, Almirante Júlio de Noronha, que, a bordo do Cruzador *Barroso*, tudo presenciara. A dificuldade na identificação dos mortos, por falta de documento de identidade e da formalização da “parte de saída”⁴, gerou a necessidade de criação do Gabinete de Identificação da Armada.

Em seguida, outros navios tiveram estações instaladas: o Encouraçado *Riachuelo*, o Cruzador *Barroso*, o Cruzador-Torpedeiro *Tamoio* e o Navio-Escola *Benjamim Constant*.

Era natural que a Marinha fosse pioneira na implantação da radiotelegrafia no Brasil, pois só assim seria possível o tráfego de comunicações a longa distância com seus navios no mar. Somente durante a Segunda Guerra Mundial a Marinha viria a ter problemas sérios de comunicações pelo fato de que os equipamentos que possuía serem de origem alemã.

Na administração do Almirante Alexandrino de Alencar (1906-1910), foi incentivada a implementação da nova tecnologia na Marinha do Brasil, com a instalação de diversas estações-rádio em navios e em terra. Nessa administração, a radiotelegrafia saíria do período de experimentos e se estabeleceria definitivamente como uma atividade naval das mais importantes.

Assim foi que, pelo Aviso nº 685, de 28/3/1907, foram estabelecidas as primei-

3 Processo de geração de sinal por centelhamento a distância. Em 1903 é criada a empresa alemã Telefunken, fruto da união da Siemens e da AEG.

4 Documento que relaciona todos os militares embarcados antes de o navio partir.

ras instruções para o Serviço de Telegrafia sem Fio da Armada Nacional, intitulado de Serviço Radiotelegráfico da Marinha (SRM), que teria sua sede no Batalhão Naval, na Ilha das Cobras, e como seu primeiro encarregado o Capitão-Tenente Luiz Dias Carneiro.

Essa data é considerada como um marco das comunicações navais por ser a primeira vez que se instituiu uma estrutura de comunicações na Marinha, vindo a ser, posteriormente, escolhida como a mais significativa para representar o Dia das Comunicações Navais.

Nessa ocasião, a Estação-Rádio da Ilha das Cobras passa a chamar-se Estação Central e, em 19 de abril de 1907, assume como seu primeiro encarregado o Primeiro-Tenente Tácito Reis de Moraes Rego.

Com o trabalho em andamento, passei a me dedicar ao estudo das biografias das diversas pessoas que influíram significativamente no estabelecimento e na condução dos primórdios das comunicações radioelétricas na nossa Marinha, na época ainda chamada de Marinha de Guerra (MG). Dei atenção especial ao exame das informações disponíveis a respeito do jovem tenente Moraes Rego, que hoje também dá nome a um centro ligado à Hidrografia na Marinha.

Iniciado na carreira na área das comunicações navais, poucas seriam as ocasiões em que dela se afastaria, e sempre por muito pouco tempo. Teria Moraes Rego uma carreira naval dedicada às comunicações navais. E por ter permanecido na Marinha por muitos anos, tendo chegado ao posto de vice-almirante, mais tempo pôde se dedicar a essa atividade quando comparado aos outros oficiais que também mereceriam tal indicação. Esse fato foi preponderante para que sua candidatura naturalmente ganhasse destaque e fizesse com que seu nome fosse o indicado a receber tal honraria, qual seja, a de “Patrono das Comunicações Navais”.

Não posso deixar de destacar, nesta oportunidade, diversos outros oficiais que, cada um em sua época, nos primórdios das comunicações navais, também a ela se dedicaram, como os membros da Comissão de Radiotelegrafia: Capitão de Mar e Guerra Innocêncio Marques de Lemos Bastos; Capitão de Fragata José Lopes da Silva Lima; Tenente Mário Ribeiro da Silva; Capitães-Tenentes Luiz Dias Carneiro, Sebastião Fernandes de Souza (que usava o pseudônimo de Gastão Penalva nos livros que escreveu) e José Francisco Martins Guimarães; e os Tenentes João Jorge da Fonseca, Armando Octávio Roxo, Octávio Perry, Marques de Azevedo, Guilherme Bastos Pereira das Neves, Elisário Pereira Pinto, José Valentim Dunhan Filho, João De Lamare São Paulo, Alfredo de Sá Rabello e Aristides de Frias Coutinho. Essas poucas referências não esgotam o assunto e, certamente, muitos outros oficiais e praças tiveram participação destacada nos primórdios do estabelecimento das comunicações navais. Deixamos registrado aqui, de maneira anônima, o nosso reconhecimento.

Terminado o trabalho, era necessária a aprovação do Comando da Marinha, após o trâmite administrativo pertinente.

A proposta seguiu o seu encaminhamento normal, não tendo nenhuma objeção sido apresentada; assim, a Portaria 178, de 1ª de setembro de 2008, do Estado-Maior da Armada (EMA), estabeleceria o dia 28 de março como o “Dia das Comunicações Navais” e o Vice-Almirante Tácito Reis de Moraes Rego como o seu Patrono, exatamente como o meu trabalho sugeria. Estava, assim, sendo prestigiada uma das atividades da guerra naval das mais importantes, conhecida como “a arma do comando”.

Ao analisar a área de telecomunicações navais durante a realização desses estudos, fica um sentimento de frustração ao constatar que, em nosso país, as lideranças da

sociedade não foram capazes de perceber a importância, valorizar e dar continuidade ao trabalho iniciado há mais de cem anos por Landell de Moura no desenvolvimento e na produção de recursos de telecomunicações com tecnologia nacional e independente do exterior. Um padre empreendedor iniciou uma corrida tecnológica na esperança de que outros pudessem lhe tomar das mãos o archote, em um processo de revezamento, e continuar os seus estudos para o bem e o progresso do País nessa área vital do conhecimento. Infelizmente isso não aconteceu

e, como há cem anos, ainda hoje enviamos nossos técnicos ao exterior para comprar equipamentos, constatar e reafirmar a sua superioridade tecnológica e alimentar a nossa contínua dependência de tecnologia estrangeira em área extremamente sensível. Por incrível que pareça, apesar de largarmos nessa corrida praticamente em igualdade de condições em termos de pesquisas iniciais, ainda hoje somos obrigados a adquirir recursos de telecomunicações da indústria estrangeira, porque simplesmente aqui no nosso país não os fabricamos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ADMINISTRAÇÃO>; Aniversário; Patrono; Rego, Tácito Reis de Moraes; Comunicações;